

A Pá de Cal

Das várias frases cunhadas por Mário Henrique Simonsen, uma ganhou projeção especial: "A recessão esfola, a inflação aleija, mas a crise cambial mata". O ex-ministro da Fazenda citava-a com freqüência e, sem dúvida, recorreria a ela se chamado a interpretar a crise que vive a Argentina. A lição de Simonsen seria de extrema valia para o presidente Fernando de la Rúa e seu ministro da Economia, Domingo Cavallo. Quanto mais De la Rúa e Cavallo tentam evitar a desvalorização do peso argentino, mais profundo se abre o fosso a seus pés. A razão é muito simples: o problema da Argentina não é apenas a recessão e o desgaste político do governo. A questão crucial é o câmbio. E o câmbio pode ser a pá de cal do governo De la Rúa.

A Casa Rosada acredita que é possível pôr a economia nos eixos com discursos, desmentidos e demonstrações de apoio. E quem sofre, além do povo argentino, são os países vizinhos. Acontece que os investidores da Europa e dos Estados Unidos não têm o hábito de fazer distinção entre as economias da América Latina. Ao contrário, põem no mesmo saco Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Peru e Venezuela. E continuam a apontar Buenos Aires como capital do Brasil. Se a Argentina vai mal, a economia brasileira vai para o mesmo buraco. Não adianta argumentar e apontar as gritantes diferenças. É perda de tempo.

As circunstâncias são difíceis e o mercado financeiro prevê dificuldades para o Brasil, que necessita de dólares para equilibrar as contas externas. Sabia-se que, como reflexo da recessão nos Estados Unidos, o fluxo de capital estrangeiro não seria tão generoso quanto nos últimos anos, quando irrigou a economia nacional com dezenas de bilhões de dólares em investimentos diretos. Esta-

va prevista movimentação mais modesta para 2001. Mercadoria mais rara, o dólar começou a subir desde o início do ano, mas dentro de parâmetros racionais.

O vendaval argentino acirrou os ânimos e a apreciação da moeda americana em relação ao real se multiplicou rapidamente. O que é inevitável. Em janeiro de 1999, o Brasil adotou regime de câmbio flutuante. O mercado dá o tom e as cotações refletem a realidade. Mas a contínua desvalorização do real assusta, à medida que eleva os custos industriais com reflexos nos preços relativos. Os efeitos da alta do dólar – que se somaram ao impacto do racionalamento no setor produtivo – se fazem sentir em insu- mos básicos, como os combustíveis, e a taxa de inflação deve ultrapassar as metas oficiais.

Surgem vozes cobrando do Banco Central atuação mais agressiva a fim de baixar a temperatura do mercado. Vale lembrar que o BC já utilizou um instrumento clássico – a alta das taxas de juros – e ameaçou também com enxurrada de dólares. Se houver uma queda-de-braço, o governo brasileiro tem muito carvão para queimar. Para os de memória curta, vale lembrar que o real sobreveiu às crises do México, do Sudeste Asiático e da Rússia. E certamente conseguirá contornar a atual quadra, por mais perversa que seja.

O Banco Central faz bem ao atuar com cautela, sem se deixar levar pelas pressões do mercado. No pico do nervosismo, seria grave equívoco queimar reservas cambiais somente para vencer a onda especulativa. O Banco Central tem razão em não se precipitar. O ideal é esperar os ânimos serenarem e a situação da Argentina clarear. Até porque, como dizia Simonsen, a crise cambial mata.